

picote

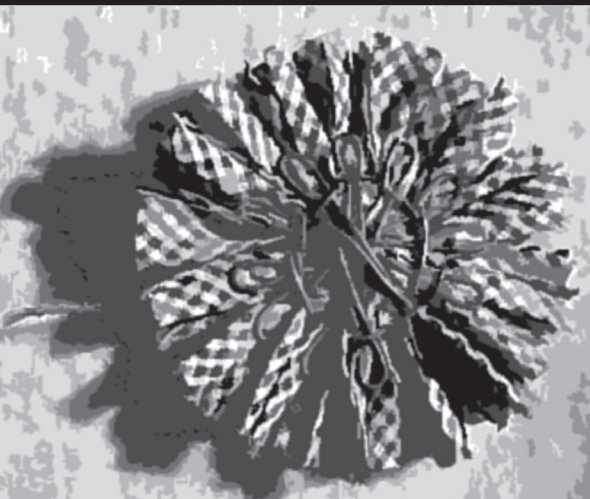
[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual, pós-graduado em Educação pelo Institut für Waldorf Padagogic de Witten na Alemanha e Mestrado em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College em Londres. Desenvolve produtos têxteis para o mercado da vestimenta e da decoração. Colabora com educação na graduação e pós-graduação em artes, têxteis e moda em universidades na Inglaterra, Irlanda e São Paulo.

E-mail: ferpen@macbbs.com.br

f. marquespenteado 2001

comunicação visual
para embalagens de coleção
de bolsas do autor para
o mercado londrino



Resolvi batizar de picote as narrativas que vou recontar e organizar nesta coluna.

Os **picotes** dos gabaritos, do corte dos tecidos e da confecção de itens do vestuário são os sinais-mestres que dirigem e auxiliam a costureira ou o alfaiate a unir partes de tecidos que devem se acomodar uns aos outros.

Minha intenção mestra é a de juntar, entre um número desta coluna e um seguinte, histórias e dados, informes e biografias, crônicas, entrevistas e curiosidades derivadas da 'missão' editorial da coluna mesma, que é a de escrever sobre os territórios move-diços por onde circulam os têxteis.

Não obstante a disparidade dos assuntos, dos recortes e das perspectivas entre os temas que aparecerão nos diferentes números, espero que as mesmas acomodações aconteçam, aconteçam plurais na nossa reflexão, acomodações que desenham uma malha de novos pontos, de novos acabamentos, de muitas franjas e picotes por onde vazarão novos sentidos.

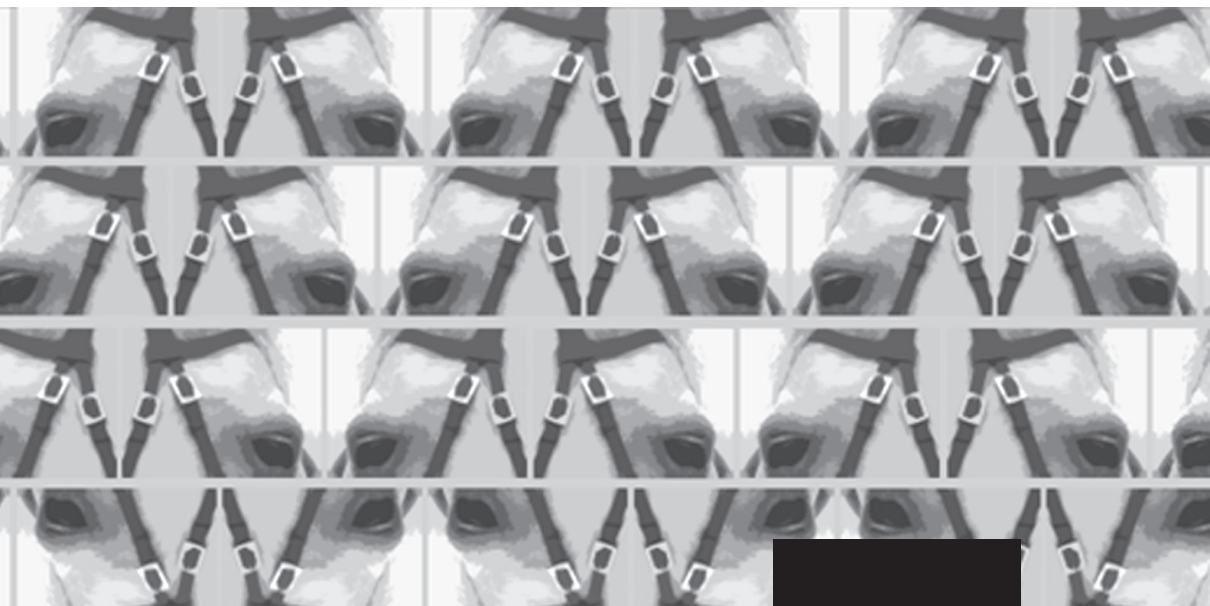
territórios move-diços

Seguindo então a "missão" da coluna, espero poder alargar a percepção e abrangência do têxtil dentro da cultura material, quer quando o têxtil vai parar dentro da indústria e do comércio, quer quando sua história é revisitada, quer quando é a matéria bruta de uma educação formal, quer quando as superfícies têxteis acompanham as poéticas dos artistas na literatura ou nas artes visuais, estes entre outros terrenos possíveis por onde o têxtil se desloca.

Nunca pude ler sistematicamente a história das primeiras indústrias têxteis no Brasil. Entretanto sei por historiadores amigos que havia imposições tutelares massivas quanto à importação de tecidos durante os dois impérios, com acordos que beneficiavam exclusivamente a Inglaterra, aliás em tudo o que por lá se produzia. Havia inclusive uma proibição de que para cá se trouxessem fusos para impedir uma dinâmica tecnológica que ameaçasse essa vantajosa posição inglesa. Há de se conhecer mais.

A minha percepção da indústria têxtil brasileira de hoje é a de uma associação de indústrias sem um projeto comum claro, com acontecimentos díspares e uma trilha de pesquisa muito pouco contemporânea, indústria que luta contra o que parece ser uma importação volumosa (o monstro chinês) e uma impossibilidade de uma produção nacional saudável dado o seu ônus fiscal. Os profissionais brasileiros de desenvolvimento e de pesquisa para a indústria têxtil que encontrei citados ou dos quais pude ler alguma produção teórica estão/estavam invariavelmente no IPT paulista e/ou em órgãos de pesquisa independentes no estrangeiro. Espero poder encontrar e entrevistar indivíduos atuantes na indústria, por meio desta coluna para ouvir melhor o que dizem e como prospectam a atuação do profissional brasileiro nesta área. Vou procurar também dar voz na coluna a profissionais brasileiros como o designer têxtil, o designer com linha de produtos têxteis, o artesão têxtil e, por último, o artista têxtil. Pode parecer em um primeiro momento que não haja uma diferença entre esses profissionais e é certo que em determinadas instâncias haja uma sobreposição de atividades e de interesses dos mesmos que acabam atuando em mais de um desses campos. Mas cada um destes profissionais processa, sim, um saber particular e opera dentro de um esquema de trabalho até bastante diferenciado.

Na área da educação, também vou procurar paralelos entre nossas escolas e as escolas espalhadas pelo mundo. É fato que tudo o que diz respeito à educação formal em têxtil no Brasil está voltado para a tecnologia e, sobretudo, para a engenharia têxtil. Enquanto isso, noutros países você encontra bacharelados, mestrados e doutorados em têxteis que incluem matérias práticas e visões tecnológicas, mas que, ao lado e com idêntica importância, oferecem um excelente ensino crítico sobre a cultura material e sobre as artes. Esses alunos/as acabam administrando uma



"estampa"
f. marquespenteado
2003

projeto de estampas
de ambiente

[38]

sabedoria manual e intelectual que os/as habilitam a opinar com "conhecimento de causa" em temas que vão da estética à linha de produção. Muitas escolas estrangeiras inclusive conseguem um casamento profícuo com indústrias locais do setor têxtil, indústrias que, permanentemente e a cada semestre, oferecem "casos de estudos" aos alunos dos anos superiores para o desenvolvimento de seus novos produtos, o que faz com que a imaginação e a responsabilidade dos alunos/as envolvidos estejam pautadas por necessidades objetivas e concretas de desenvolvimento, nem que os resultados desta pesquisa permaneçam como exercícios e seus projetos nunca venham a se produzir. Nas escolas de moda que visitei em São Paulo, fiquei sempre penalizado com o quanto a experimentação é escondida, tacanha e escrava de um currículo com um olhar mais voltado às "direções do mercado" que as manualidades. Essa realidade que vi dentro das escolas é, na minha percepção, uma direção de ensino que engessa o saber como sendo um patrimônio apenas intelectual. Como profissional em estamparia e artista visual, não acredito que, por exemplo, aluno algum possa opinar durante a continuação de sua vida profissional sobre digamos "palheta de cores" se não experimentar o que é *fazer um verde* (fruto do casamento de condutores do azul com condutores do amarelo) por meio de práticas e exercícios com aquarelas, com tinturas ou com pigmentos. É à beira de uma máquina de costura e na sua operação, à beira de um tear, de uma mesa de estamparia, com agulhas e com linhas, com adesivos e máquinas de transferência de calor que o/a aluno/a se edifica a si próprio/a, e sua intelectualidade passa a estar harmoniosamente casada e alimentada pelas imaginações incorporadas ao físico enquanto experimenta os materiais os quais transforma em seus exercícios práticos. Acho uma enorme perda para a sensibilidade e o alcance do conhecimento, grosso modo, que alunos sejam treinados hoje, sobretudo, em filtros de *photoshops*, *pantones* ou na programação de estampas digitais sem passar pelos momentos mãos sujas ou espacialização feitas por agulhas de tricô. E este assunto vai dar muito pano para manga.

sobre os textos

Não vou trabalhar com notas de rodapé. Sou muito neurótico com elas. Vou sim colocar uma ou mais bibliografias que lembrei e/ou que pude pesquisar quando elaborei alguns destes parágrafos-cabeça. Assim, por favor, duvidem de meu rigor teórico: sou uma polifonia de idéias que já passaram e que ainda perambulam na minha cachola. Quando eu souber de quem/a quem uma fala se refere, farei questão de nomear o/a autor/a, mas faço minhas as palavras de muitos deles/as.

Peço ao leitor, que queira me educar e/ou me criticar, que o faça. Procurarei sempre que possível devolver em informação e discussão o assunto do debate, para meu benefício pessoal e daqueles que lêem a coluna. E, por favor, não esqueça que o caráter da informação e/ou da crítica que me envia pode se referir desde o mais verificado conhecimento até o mais espúrio sentimento ou recordação têxtil que você ou alguém mais carrega. Picote-me.

Querendo exercitar minha imparcialidade quanto à política dos gêneros, percebi que vou cansar vocês com toda essa traquitanda de o/a ou aluno/aluna e cansar a mim também. Tomo a liberdade de adotar daqui para frente o artigo O do gênero masculino para pontuar a escrita. Sobretudo porque, na maioria dos livros de moda que li em língua portuguesa, senti um sabor tipo "minha querida amiga" nas entrelinhas, e assim, busco um pouco de revanche e espaço de percepção do masculino.

E tomando o texto como um todo, espero nunca ser (nem lhes parecer ser) conclusivo.



BIBLIOTECA

KULICK, Don e WILSON, Margaret (orgs.)
*Taboo sex, identity and erotic subjectivity
in anthropological fieldwork*. Londres:
Routledge, 1995.

GALE, Colin e KAUR, Jaspir. *The Textile
Book*. Oxford: Berg, 2002.

"estamps geografias"
f. marquespenteado
2002

estampa para estúdio
têxtil londrino
apresentada na feira
indigo 2002